

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Mariane Graeff¹
Janes Terezinha Köhnlein²

RESUMO

Diante da ideia que a família é a base para qualquer ser humano, não fazendo referência somente à família com laços de sangue, mas também as famílias construídas através de laços afetivos. Define-se família como um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas, de construir algo e de se complementarem. É através dessas relações que os seres humanos tendem a tornarem-se mais afetivos e receptivos, pois eles aprendem a viver o jogo da afetividade de maneira adequada. No entanto, para que essa adequação ocorra é preciso que haja referências positivas, responsáveis encarregados de mostrar os limites necessários ao desenvolvimento de uma personalidade com equilíbrio emocional e afetivo. Para as crianças e adolescentes, as referências são pessoas, animais, palavras, gestos que irão proporcionar a formação da identidade. Todavia, de acordo com o amadurecimento, a criança passa a ampliar sua percepção do mundo, anteriormente voltada para si mesma e seus pais. Nesse momento, é importante que ela exercite sua capacidade de se relacionar com os outros seres, desenvolvendo as noções de respeito e dedicação, tão importantes para a convivência social. Considerando assim, o ser humano um ser social e histórico, sujeito de um processo democrático de educação, cabe a nós professores proporcionar uma educação que vise o envolvimento da família, da comunidade, tornando a aprendizagem prazerosa, onde professor e aluno integram com satisfação na geração contínua do conhecimento, compreendendo que os seres humanos é que constroem suas próprias histórias.

Palavras Chave: Família, ser humano, professor, aluno, educação.

ABSTRACT

By the idea that the family is the basis for any human being, not referring only to the family blood ties, but also families built through affective ties. It defines family as a group of people who are united by the desire of being together, of building something and complementing each other. It is through these relationships that human beings tend to become more affectionate and responsive, as they learn to live the affectivity game properly. However, for this adjustment to occur there must be positive references, responsible ones in charge of showing the necessary limits to develop a personality with emotional and affective balance. For children and adolescents the references are people, animals, words, gestures that will provide the identity formation. Yet, according to the maturity, the child begins to expand her perception of the world, previously focused on herself and her parents. At this point, it is important that she exercise her ability to relate to other beings, developing the notions of respect and dedication, so important for social living. Considering so, the human being is a social and historical being, subject of a democratic process of education, it is up to us teachers provide an education that seeks the

¹ Aluna do Curso de Pós Graduação em Práticas Pedagógicas e Garantias de Direitos. Artigo apresentado como trabalho de conclusão de Pós Graduação. 06/2016.

² Professora Orientadora: Janes Terezinha Köhnlein

involvement of family, community, making learning enjoyable, where teachers and students integrate with satisfaction in continuous knowledge generation, understanding that humans are building their own stories.

Keywords: Family, human being, teacher, student, education.

1 REFLEXÕES INICIAIS

O tema deste artigo trata da importância da relação entre família e escola na Educação Básica. Todavia, considera-se que nos dias atuais a escola não pode viver sem a família e a família não pode viver sem a escola com o objetivo de compreender como a família pode contribuir/influenciar no processo da aprendizagem, uma vez que de acordo com o próprio Piaget:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades (PIAGET, 1972/2000, p.50).

Quando se fala em vida escolar e sociedade, não há como não citar Paulo Freire (1999), quando diz que a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Portanto, novamente ressalta-se como é necessária uma conscientização de que há relação entre educação, escola/família/sociedade. Desse modo, faz-se imprescindível entender como transformar a educação continuamente influencia nos modelos vigentes de educação, de escola e de sociedade.

É importante refletir sobre as práticas que as escolas adotam para despertar no aluno o desejo de aprender, bem como proporcionar as crianças uma estrutura equilibrada e sadia, para crescerem e tornarem-se cidadãos conscientes de seu papel na sociedade sendo capazes de interagir e intervir na realidade.

2 CONVERSANDO SOBRE O TEMA

A relação escola e família, torna-se essencial no cotidiano escolar da criança para o desenvolvimento da mesma, considerando vários os benefícios que contribuem para os aspectos físico, intelectual, moral, e social, já que se fundamenta na interferência dos processos vitais e culturais. O contexto lúdico da escola permite que ela vivencie situações que reportam para a vida em família e também para as vivências escolares. Quando a escola e família trabalham de forma integrada a criança tem ganhos em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, uma vez que será apresentando um caminho quanto aos valores e concepções que contribuirão na formação integral.

Nesse sentido, é necessário que o ambiente escolar complemente o ambiente familiar do educando, os quais devem ser agradáveis e geradores de afetos. Os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno, pois desde os primeiros anos de vida, a criança se desenvolve plenamente quando estimulada e incentivada, buscando alternativas de ação, pois a conduta familiar e escolar propicia relações sociais e individuais.

A criança que sente-se acolhida desenvolve a autonomia, a confiança e a responsabilidade, que são elementos essenciais para seu crescimento pessoal e cognitivo.

Para Gokhale (1980), a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem-sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto.

A família tem sido, é e será a influência mais significativa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas. Assim, pode-se dizer que as crianças precisam sentir que fazem parte de uma família:

A importância da primeira educação é tão grande na formação da pessoa que podemos compará-la ao alicerce da construção de uma casa. Depois, ao longo da sua vida, virão novas experiências que continuarão a construir a casa/indivíduo, relativizando o poder da família (LACAM, 1980 apud BOCK, 1989, p. 143).

Partindo da ideia que a família é a base para qualquer ser humano, não fazendo referência aqui somente à família com laços de sangue, mas também as famílias construídas através de laços afetivos. Define-se família como um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas, de construir algo e de se complementarem. E é através dessas relações que os seres humanos tendem a tornarem-se mais afetivos e receptivos, eles aprendem a viver o jogo da afetividade de maneira adequada.

Diante de vários conceitos de família, o mais importante não é a constituição dos membros que compõem a família, mas a estrutura afetiva que servirá de referência positiva e será responsável para mostrar os limites necessários ao desenvolvimento de uma personalidade com equilíbrio emocional e afetivo. Para as crianças e adolescentes, as referências são pessoas, palavras, gestos que irão proporcionar a formação da identidade. Por isso, crianças e jovens que estabeleçam vínculos de harmonia nos seus momentos de decepções, e que possam receber carinho, atenção e compreensão irão desenvolver uma identidade sadia, conseguindo suportar frustrações até o momento adequado para realizar seus escolhas.

Definindo escola como uma instituição social que se caracteriza como um local de trabalho coletivo voltado para a formação das jovens gerações, diferente de outras tantas instituições sociais, constata-se que a escola é responsável pela educação escolar, é um espaço destinado ao trabalho pedagógico formal, ao entendimento de regras, à formação de valores éticos, morais e afetivos, ao exercício da cidadania.

Porém, a ausência de um ambiente familiar saudável e equilibrado, no qual a criança convive, as vezes vinculado a ausência ou negligência de familiares, provoca uma convivência escolar que nem sempre é satisfatória. Sabemos também que as ações dos envolvidos no ambiente escolar pode gerar ações inadequadas e insensatas que irão desorganizar e prejudicar a

formação do seu caráter e da sua personalidade. Como dizem Montandon e Perrenoud (1987, p. 7) de uma maneira ou de outra, onipresente ou discreta, agradável ou ameaçadora, a escola faz parte da vida cotidiana de cada família.

Quando a escola é despreparada tanto no seu quadro funcional, como também não cumpre o seu papel social na formação do educando, verifica-se que se têm a partir desse desinteresse escolar/pedagógico indivíduos desestimulados e incapazes de prosseguirem em busca do seu lugar na sociedade. Gerando assim, alunos desmotivados, indisciplinados e com baixa auto-estima. (MONTANDON E PERRENOUD 1987, p. 7).

No momento em que escola e família conseguirem estabelecer uma parceria na maneira como irão promover a educação de seus educandos/filhos, muitos dos conflitos hoje observados em sala de aula, serão aos poucos superados. Todavia, para que isso aconteça é necessário que a família realmente participe da vida escolar de seus filhos. Que a família tenha comprometimento, envolvimento com a escola, gerando assim, na criança/adolescente um sentimento de amor, fazendo sentir-se amparado e valorizado como ser humano conforme Zaguny;

A família deve apoiar a escola e trabalhar a questão dos limites com segurança, formação ética dos filhos. A família deve reassumir o quanto antes seu papel de formadora de cidadãos, abandonando a postura super-protetora e a crença de que amar é aceitar toda e qualquer atitude dos filhos, satisfazer todos os seus desejos, não criticar o que deve ser criticado e nunca responsabilizá-los por atitudes anti-sociais. Enquanto é tempo (ZAGUNY, 2001, p.5).

Dessa forma, destacamos que a tarefa de cuidar de maneira adequada de um ser em formação é extremamente difícil, pois requer que os educadores tenham capacidade de trabalhar com os conflitos gerados pela impulsão dos jovens em direção a satisfação rápida, às necessidades biopsíquico-sociais de cada momento.

A escola atual, de modo geral, apresenta maior disponibilidade em aceitar um relacionamento mais próximo com os pais. Todavia, o caminho percorrido para se chegar a tal interação foi um tanto difícil, em consequência das transformações políticas, econômicas e sociais, das rupturas de

paradigmas. Os objetivos da escola, como também da família nos dias de hoje deverão tornar a criança/adolescente apta a assumir responsabilidades, tomar decisões, aprender qualquer ofício, desenvolver suas habilidades, como também orientar o educando/filho na medida em que demonstre necessidade. A escola não deve apenas visar à construção do conhecimento, mas a formação de valores, atitudes e personalidade do aluno.

Então, como assegurar que a escola está cumprindo o seu papel de formação cidadã? Deve-se promover principalmente na esfera escolar a contextualização de temas atuais que mostrem ao estudante a importância de ser aluno-cidadão e que sejam, de acordo com Dayrell (1999), meios através dos quais ele possa compreender melhor a si mesmo e ao mundo físico e social onde se insere.

A escola necessita de uma aproximação com a realidade do aluno e da própria comunidade na qual ela está inserida. O aluno precisa, também, ser incentivado a pensar por si próprio e buscar os conhecimentos de seus interesses, nas bibliotecas, museus, etc. É certo que os papéis da família e da escola, antes prioritariamente repressores, modificaram-se ao longo das últimas décadas.

Nessa perspectiva, é importante a conscientização de que a relação entre educação, escola/família/sociedade deve ser alvo de uma transformação contínua, que influencia os modelos vigentes de educação, de escola e de sociedade. As escolas devem ser mais ativas e participativas, para despertar no aluno o desejo de aprender. E o apoio familiar pode proporcionar as crianças uma estrutura equilibrada e sadia, para crescerem e tornarem-se cidadãos conscientes de seu papel na sociedade sendo capazes de interagir e intervir na realidade.

De acordo com Vitor Paro:

A escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometida com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano (PARO 1986, p. 36).

Como se pode observar, a relação família/escola requer, então, dos professores uma tomada de consciência de que, as reuniões baseadas em temas teóricos para falar dos problemas dos educandos, sobre notas baixas, não proporciona um início de parceria. A escola deve construir por meio de uma intervenção elaborada e consciente a criação de espaços de reflexão e experiências de vida numa comunidade educativa, instituindo acima de tudo a aproximação entre as duas instituições.

No Parágrafo único do Capítulo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), diz que "é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais", ou seja, trazer as famílias para o convívio escolar já está prescrito no Estatuto da Criança e do Adolescente o que esta faltando é concretizá-lo, é pôr a Lei em prática. Família e escola são pontos de apoio ao ser humano; são sinais de referência existencial. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais significativos serão os resultados na formação do educando/filho.

Desse modo, é importante que pais, professores, filhos/alunos dividam experiências, compreendam e trabalhem as questões envolvidas no seu dia-a-dia sem que haja a busca de culpados, mas procurando compreender cada situação, uma vez que tudo o que se relaciona aos educandos/filhos tem a ver, de algum modo, com os pais e vice-versa, bem como tudo que se relaciona aos alunos tem a ver, sob algum ângulo, com a escola e vice-versa.

A escola e a família, cada qual com seus valores e objetivos específicos na educação de uma criança, constituem uma estrutura própria, onde quanto mais diferentes são, mais necessitam uma da outra. Desse modo, cabe a toda sociedade, não apenas aos setores relacionados à educação, transformar o

cotidiano da escola e da família, através de pequenas ações modificadoras, para que esta (a família) compreenda a importância dos objetivos traçados pela escola, assim como o seu lugar de corresponsável nesse processo.

Todavia, a escola deve sentir-se desafiada a repensar a prática pedagógica, considerando que os estudantes são crianças/adolescentes que apresentam características singulares e que se faz necessário manter um trabalho em parceria com as famílias, pois, se a escola deseja ter uma visão integral das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário reconhecer que deve desempenhar o bem-estar, englobando as diversas dimensões do ser humano.

Nessa perspectiva, família e escola devem aproveitar, ao máximo, as possibilidades de estreitamento de relações, porque o ajuste entre ambas e a união de esforços para a educação das crianças e adolescentes deve redundar, sem dúvida nenhuma, em elemento facilitador de aprendizagens e de formação do cidadão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa de campo foi realizada no município de Maravilha Santa Catarina. O público alvo foram professores da rede estadual de ensino com professores dos anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica Nossa Senhora da Salete. Foram entregues 10 questionários descritivos, sendo que o retorno foi de 60%.

3.1 FAMÍLIA E ESCOLA: PARCERIA NECESSÁRIA

Sobre esse assunto, Barroso (2005) explica que uma motivação participação é a criação de um clima, a simplificação das intervenções, rompendo eventuais bloqueios e conflitos.

Ao perguntar aos educadores como eles mantêm contato com as famílias de seus alunos e de que forma é feito esse contato, foi unânime a

resposta de que a maioria dos pais vem para a escola nos dias de reunião, na entrega de boletins, ou somente quando convocados para conversar sobre a aprendizagem de seus filhos. São poucos os que frequentam espontaneamente para acompanhar e saber da sua aprendizagem, e somente os pais dos alunos do 1º ano que a maior parte dos pais participam mais da vida escolar dos filhos, trazem a escola, conversam com os professores, participam de forma efetiva da vida escolar dos alunos, mesmo quando não é solicitado.

Sobre a promoção da participação dos pais, Paro, nos fala que:

A escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometido com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano (2000, p.30).

Percebe-se, portanto, que é imprescindível que se trabalhe a importância da participação da família com os responsáveis pelos alunos, com o objetivo de socializar com eles a importância da participação na vida escolar tem no desenvolvimento e crescimento intelectual dos filhos.

A estrutura familiar é de suma importância na educação da criança, segundo Bock (2002) “é responsável pela sobrevivência física e psíquica das crianças, constituindo-se no primeiro grupo de mediação do indivíduo” e pode interferir tanto no seu desenvolvimento intelectual e moral, o que culmina nas relações sociais, pelos primeiros modelos de homem e mulher que são apresentados a eles dentro de casa.

Sobre esta questão, o professor A, afirma que conhecem a maioria das famílias somente pelo contato das mesmas quando comparecem à escola, ou pelas fichas de matrícula, onde são trazidas algumas informações. Além disso, dos alunos que estudavam já na escola, conseguimos saber um pouco mais através da equipe pedagógica, e também por meio do contato com os alunos e a família no decorrer do ano.

Como já foi dito, o processo de desenvolvimento e também da aprendizagem sofre interferência de uma diversidade de fatores, podendo resultar num baixo rendimento escolar. Entretanto, percebe-se o ambiente familiar como forte influência para o desenvolvimento e aprendizado escolar, da mesma forma que a escola exerce papel fundamental para o desenvolvimento social e intelectual do aluno. Nesse pressuposto, “a aprendizagem é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maduro que se expressa diante de uma situação-problema, sob a forma de mudanças de comportamento em função de experiências”. (ASSUNÇÃO e COELHO, 1989, p. 11).

Assim sendo, percebe-se que o grupo ao qual a criança está inserida, possui papel fundamental no seu desenvolvimento, são pelas vivências adquiridas nesse convívio, principalmente, que a aprendizagem vai gradativamente crescendo, até chegar à escola, que é onde vai reforçar esses valores, acrescentando, e não assumindo para si o papel que é inicialmente da família.

3.3 O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES MAIS SÓLIDAS COM A

Um dos grandes desafios da escola é encontrar formas de interagir com a comunidade de modo a propiciar um trabalho adequado e favorável a todos. Como caracteriza SYMANSKY (2001), o papel da escola na contribuição do sujeito, quer em seu desenvolvimento pessoal ou emocional, é primordial.

Quando questionados sobre quais os métodos que utilizam para estreitar essa relação com as famílias, as respostas foram diversificadas. A pesquisada B afirmou: “procuro manter os vínculos com trabalhos extra escolares que envolvam a família, como por exemplo, o projeto de leitura onde vai um livro para casa e a família participa da produção junto ao aluno, somando se a isso muito diálogo e reuniões com horários alternados”. Da mesma forma, a Pesquisada A diz que: “é através de atividades que a escola proporciona, atividades elaboradas em sala de aula que permitam que a família também

contribua". A Pesquisada C diz que: "quando não consegue trazer os pais para a escola, manda bilhetes, avisos, mas no geral todos comparecem, já que a maioria dos alunos com problemas de aprendizagem é sanada com o auxílio dos pais, quando por sua vez, os pais não se preocupam em ajudar ou buscar ajuda médica, se torna muito mais difícil que os alunos desenvolvam uma melhora na aprendizagem". (aqui deixei entre aspas as falas só precisa conferir se a ordem das pesquisadas está correta).

Ao passo que as demais entrevistadas, julgam que essa relação com a escola deve-se aos momentos de interação promovidos com frequência pela escola, como gincanas, festas, jogos, além das reuniões de início de ano, entregas de boletins e dia da família na escola que é um projeto que visa envolver a família e a comunidade em geral.

Além de tudo isso, a escola faz atividades em sala de aula onde a família ajuda em casa, onde é pedido o auxílio dos familiares, que as famílias venham a escola prestigiar as atividades desenvolvidas. Ao mesmo tempo em que se procura mudar a consciência dos pais com relação a importância do ensino para seus filhos, os entraves quanto as burocracias das leis (avanço progressivo), através de políticas educacionais em vigor.

No intuito de buscar a valorização da educação a conscientização familiar, institucional e social de que a educação (deve ser) é prioridade. Dessa forma, mostrando que a parceria entre estas só trará benefícios e deste modo, avaliando que os pais precisam ir a escola com mais frequência, demonstrar interesse no que o aluno está aprendendo, não ir só quando for chamado, e se chamado ir, pois precisamos uns dos outros na construção do conhecimento.

De acordo com Piaget:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (2007, p.50)

Ao serem questionados sobre quais seriam as contribuições de uma relação saudável entre a família e a escola, foi unânime a afirmação de que quem ganha é a criança, pois tem mais vontade a aprender, participar das atividades e conseqüentemente, melhora o seu desempenho, contribuindo com o seu crescimento.

Da mesma forma, faz com que os envolvidos neste processo sintam-se mais comprometidos, mais valorizados e, por conseguinte quem ganha é a qualidade do ensino, pois deste modo, trabalham juntos família e escola, e quem tem a ganhar é o aluno, o filho que terá de ambas as partes um suporte para o seu desenvolvimento e ampliação no conhecimento.

Em suma, como nos afirma Palato (2009, p. 102-104), seria positivo se a família, em conversas com professores e coordenadores, explicasse sua situação e qual seria a melhor forma de participação para a educação de seu filho, com certeza tudo poderia ser bem melhor.

[...] tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo. (PAROLIM, 2003, p. 99)

Em vista disso, é que enfatizamos a importância da parceria entre a escola e a família, uma vez que uma necessita da outra, apesar de cada uma apresentar valores de objetivos próprios em se referindo à educação de uma criança. Quanto maior a diferença for, maior será a necessidade desse relacionamento.

Como justifica Bordenave (1983), quando se refere à educação e à qualidade da participação:

A qualidade da participação se eleva quando as pessoas aprendem a conhecer sua realidade; a refletir; a superar contradições reais ou aparentes; a identificar premissas subjacentes; a antecipar consequência; a entender novos significados das palavras; a distinguir efeitos de causas, observações de inferência e fatos de julgamentos. (BORDENAVE, 1983, p.72-73).

Quando foi perguntado sobre os entraves, responderam que o que impede ou dificulta a participação pedagógica entre os pais e a escola, afirmaram que alguns pais afirmam que o horário de trabalho não são compatíveis com os da escola, ou que moram no interior e ficam sem tempo para ajudar as crianças em casa nos trabalhos e temas de casa.

Outros, por sua vez, citam que a dificuldade é justamente a participação da família, onde as famílias precisam estar em sintonia com os objetivos da escola. A família, como base principal da criança em alguns momentos, está deixando a desejar, percebe-se que não está se reservando um tempo para esta criança em casa, onde ela possa tirar suas dúvidas, aprender também com seus familiares, parecendo que este papel é apenas da escola.

A entrevistada E afirmou que: “é a falta de organização familiar. Não disponibilizam um tempo para acompanhar seus filhos, atribuem à escola a responsabilidade pela educação. Tudo isso associado a um aluno desestimulado, falta de apoio colaboração nos temas de casa”.

Da mesma forma que Demo (2001) aponta a problemática entre participação e envolvimento:

Muitas desculpas são justificativas do comodismo, já que participação supõe compromisso, envolvimento, presença em ações por vezes arriscadas e até temerárias. Por ser um processo, não pode também ser totalmente controlada, pois já não seria participativa a participação tutelada, cujo espaço de movimento fosse previamente delimitado. (DEMO, 2001. p.19-20).

No entanto, é importante observar que nem a família e nem a escola necessitam modificar a forma de se organizarem, basta que estejam abertos para chegarem a um consenso. A escola não funciona isoladamente, é

indispensável que cada um em seu lugar, se esforce na busca de uma construção coletiva, cooperando assim, para uma melhora no desempenho escolar das crianças.

4. CONCLUINDO

Observamos durante a revisão teórica e mesmo na pesquisa de campo, o quanto a escola e família estão ligados no processo de educar/ensino, cada uma das instituições com sua função específica, mas complementares na formação do ser humano.

A realidade da escola faz com que cada vez mais se fortaleça a relação com a família, principalmente pelos determinantes da organização da sociedade atual pós moderna. São situações de ausência familiar, liquides das relações e dos fatos, mas que a criança e o adolescente precisam de referencias sólidas para sua formação integral.

Deste modo acredito que as instituições de ensino já vêm propondo algumas estratégias para trazerem para perto as famílias e também a comunidade em geral, mudando assim a realidade em que vivíamos. Escola e família e a importância de ambas na educação básica.

BIBLIOGRAFIA

ASSUNÇÃO, Elizabete; COELHO, M.T. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo, Ática, 1989.

BARROSO, João. **Para o desenvolvimento de uma cultura de participação na escola**. Cadernos de Organização e Gestão Curricular. Editora: Instituto de Inovação Educacional. 2005.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1989.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Uma Introdução ao Estudo de Psicologia** / Ana Mercês Bahia Bock, Odair Furtado, Maria de Lourdes Trassi Teixeira. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. O que é participação? São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sócio-cultural: múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 136-161

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**. São Paulo: Cortez, 2001.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1989.

MONTANDON, C.; PERRENOUD, P. Entre parentes et enseignants: un dialogue impossible? Paris : Peter Lang, 1987

PALATO, Amanda. **Sem culpar o outro**. Revista Nova Escola/ Guia do Ensino Fundamental de 9 anos. São Paulo n.225, Abril. set.2009, p. 102-104.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar: introdução crítica**. 1. ed. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1986.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000.

PAROLIM, Isabel. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Fortaleza, 2003

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação.** José Olympio ed. 15ª edição. Rio de Janeiro, 1972/2000.

ZAGURY, T. **Educar Sem Culpa:** a gênese da ética. 16ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2001.